

Percepção de estudantes da saúde sobre Práticas Integrativas nas Unidades Básicas de Saúde

Perception of health students about Integrative Practices in Primary Healthcare Units

Percepción de estudiantes de salud sobre Prácticas Integrativas en las Unidades Básicas de Salud

Recebido: 26/01/2025 | Revisado: 30/01/2025 | Aceitado: 30/01/2025 | Publicado: 01/02/2025

Cássia Regina da Silva Neves Custódio

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3926-2203>
Universidade Municipal de São Caetano do Sul, Brasil
E-mail: cassianeves66@hotmail.com

Ana Carolina Caso

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0659-5685>
Universidade Municipal de São Caetano do Sul, Brasil
E-mail: anacarolinacaso@hotmail.com

Ana Luísa Ribeiro de Souza

ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-2261-1451>
Universidade Municipal de São Caetano do Sul, Brasil
E-mail: analu0311@hotmail.com

Carolina Terezin Seragini

ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-0133-9084>
Universidade Municipal de São Caetano do Sul, Brasil
E-mail: carolinaseragini@hotmail.com

Giselle Batagini Gonçalves

ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-9316-2764>
Universidade Municipal de São Caetano do Sul, Brasil
E-mail: bataginigi@gmail.com

Resumo

O presente estudo teve como objetivo analisar o conhecimento e o interesse dos estudantes da área da saúde sobre Práticas Integrativas e Complementares (PICS) no contexto da Atenção Primária à Saúde. Trata-se de um estudo exploratório-descritivo, transversal e quantitativo, realizado com 689 estudantes de diversos cursos da Universidade Municipal de São Caetano do Sul, entre 2021 e 2022. Os dados foram coletados por meio de um questionário estruturado aplicado eletronicamente. Os resultados indicaram que 41% dos estudantes afirmaram ter conhecimento sobre as PICS, enquanto 58% desconheciam essas práticas. Contudo, 89% demonstraram interesse em aprender mais sobre o tema durante a graduação. Entre os respondentes, 48% relataram que as atividades práticas nos cenários das Unidades Básicas de Saúde (UBS) incluíam contato com PICS, sendo a Acupuntura e a Fitoterapia as mais frequentemente identificadas. Conclui-se que existe uma lacuna significativa no conhecimento sobre PICS entre os estudantes da área da saúde, apesar do alto interesse demonstrado. A inserção de conteúdos sobre PICS nos currículos acadêmicos e a ampliação de experiências práticas podem contribuir para a formação de profissionais mais preparados para atender às demandas da Atenção Primária no SUS.

Palavras-chave: Terapias Complementares; Educação Médica; Sistema Único de Saúde; Atenção Primária em Saúde.

Abstract

This study aimed to analyze the knowledge and interest of health students regarding Integrative and Complementary Practices (PICS) in the context of Primary Healthcare. It is an exploratory-descriptive, cross-sectional, and quantitative study conducted with 689 students from various courses at the Universidade Municipal de São Caetano do Sul between 2021 and 2022. Data were collected through a structured questionnaire applied electronically. Results indicated that 41% of students reported knowledge about PICS, while 58% were unaware of these practices. However, 89% expressed interest in learning more about the topic during their studies. Among respondents, 48% reported that practical activities in Primary Healthcare Units (UBS) included contact with PICS, with Acupuncture and Phytotherapy being the most frequently identified practices. The study concludes that there is a significant gap in knowledge about PICS among health students, despite the high interest demonstrated. Including PICS-related content in academic curricula and expanding practical experiences can contribute to the training of professionals better prepared to meet the demands of Primary Healthcare within the SUS.

Keywords: Complementary Therapy; Medical Education; Unified Health System; Primary Healthcare.

Resumen

Este estudio tuvo como objetivo analizar el conocimiento y el interés de los estudiantes de áreas de la salud sobre las Prácticas Integrativas y Complementarias (PICS) en el contexto de la Atención Primaria de Salud. Se trata de un estudio exploratorio-descriptivo, transversal y cuantitativo realizado con 689 estudiantes de diversos cursos de la Universidad Municipal de São Caetano do Sul, entre 2021 y 2022. Los datos fueron recopilados mediante un cuestionario estructurado aplicado de forma electrónica. Los resultados indicaron que el 41% de los estudiantes afirmaron tener conocimiento sobre las PICS, mientras que el 58% desconocía estas prácticas. Sin embargo, el 89% demostró interés en aprender más sobre el tema durante la graduación. Entre los encuestados, el 48% informó que las actividades prácticas en las Unidades Básicas de Salud (UBS) incluían contacto con las PICS, siendo la Acupuntura y la Fitoterapia las más frecuentemente identificadas. Se concluye que existe una brecha significativa en el conocimiento sobre las PICS entre los estudiantes de áreas de la salud, a pesar del alto interés demostrado. La inclusión de contenidos sobre PICS en los planes de estudio académicos y la ampliación de las experiencias prácticas pueden contribuir a la formación de profesionales mejor preparados para satisfacer las demandas de la Atención Primaria en el SUS.

Palabras clave: Terapias Complementarias; Educación Médica; Sistema Único de Salud; Atención Primaria de Salud.

1. Introdução

A formação de profissionais de saúde alinhados às demandas do Sistema Único de Saúde (SUS) é um desafio constante para o ensino superior no Brasil. Entre essas demandas, destaca-se a necessidade de capacitação para o uso das Práticas Integrativas e Complementares (PICS), implantadas oficialmente por meio da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC). As PICS incluem terapias como Acupuntura, Homeopatia, Fitoterapia, entre outras, e visam promover o cuidado integral e humanizado dos pacientes na Atenção Primária à Saúde (APS), com base nos princípios da promoção, prevenção e recuperação da saúde (Brasil, 2018).

Neste contexto, essas práticas se baseiam em uma abordagem do indivíduo em sua totalidade, buscando o equilíbrio físico, mental, espiritual e afetivo do organismo. Inicialmente, essas terapias foram designadas como "complementares" ou "alternativas". No entanto, a partir de 2006, com a implantação da PNPIC, passaram a ser denominadas "Práticas Integrativas e Complementares" (PICS), abrangendo práticas como Medicina Tradicional Chinesa, Homeopatia, Fitoterapia e Termalismo ou Crenoterapia (Otani & Barros, 2011; Brasil, 2006).

Com a institucionalização das PICS pela PNPIC e sua inserção na APS do SUS, houve um aumento significativo no interesse e na procura por essas terapias, que são ofertadas gratuitamente em diversos serviços de saúde para pacientes de todas as faixas etárias. Atualmente, a oferta das PICS pelo SUS no território nacional abrange 29 procedimentos e aproximadamente 1.700 municípios, com predominância de serviços na atenção básica (78%), seguidos dos atendimentos na atenção especializada e hospitalar (Brasil, 2018). As UBS representam 28% do total de estabelecimentos que oferecem as PICS em todo o território nacional, com milhões de atendimentos utilizando essas terapias (Brasil, 2011; Brasil, 2017).

Apesar desse cenário de expansão, persistem desafios na implantação da PNPIC no país. Entre as limitações, destacam-se a resistência de alguns profissionais, que alegam a falta de comprovação científica de tais práticas (Teixeira, 2007), e o número reduzido de profissionais capacitados, além dos recursos insuficientes para atender à demanda. A capacitação em PICS no Brasil é frequentemente restrita a cursos de pós-graduação lato sensu, oferecidos majoritariamente por instituições privadas, sem uma articulação coerente com as necessidades da APS (Tesser, 2018). Além disso, o foco desses cursos em atendimentos em consultórios e clínicas privadas deixa lacunas que poderiam ser preenchidas com maior integração à APS. Iniciativas públicas, como grupos de estudo e espaços em laboratórios em grandes centros urbanos, ainda são escassas.

No entanto, a oferta de disciplinas sobre PICS nas Instituições de Ensino Superior (IES) públicas ainda apresenta um perfil predominantemente opcional. Um estudo recente realizado no Estado do Rio de Janeiro, indicou que 63% das disciplinas são oferecidas em formatos optativos ou eletivos em instituições de ensino públicas. Além disso, apenas 33% dessas

disciplinas têm caráter formativo, com habilitação prática para o uso das PICS, concentrando-se em subáreas como Farmácia, Medicina, Terapia Ocupacional e Enfermagem (Nascimento et al., 2018). Essa predominância de disciplinas informativas reforça a lacuna na formação prática, delegando o aprofundamento ao nível de especialização. Essa abordagem, embora alinhada com experiências internacionais, demonstra a necessidade de expandir o ensino formativo em PICS para atender às demandas da APS com maior qualidade e segurança (Nascimento et al., 2018).

Estudos também destacam que a falta de ensino adequado em PICS prejudica a orientação segura de pacientes, incluindo a identificação de indicações terapêuticas, interações medicamentosas e possíveis riscos. Isso limita o potencial das PICS como parte integral do cuidado em saúde, ao mesmo tempo em que dificulta a comunicação e colaboração interprofissional, fundamentais para a integralidade do cuidado no SUS (Tesser, 2018, Gurgel et al., 2021).

Diante desse cenário, torna-se essencial investigar a oferta de conteúdos relacionados às PICS nos cursos de graduação da área da saúde e compreender as percepções e o interesse dos estudantes sobre o tema. Este estudo teve como objetivo analisar o conhecimento e a opinião dos discentes da área da saúde a respeito das PICS, além de verificar a adesão a essas terapias e identificar o interesse dos estudantes em aprender sobre elas durante a formação acadêmica.

2. Metodologia

Trata-se de um estudo exploratório-descritivo, transversal, com abordagem quantitativa (Pereira et al., 2018; Shitsuka et al., 2014). A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Municipal de São Caetano do Sul sob o parecer número 4.812.868; CAAE 47686621.8.0000.5510. Participaram do estudo 689 alunos, maiores de 18 anos, regularmente matriculados nos cursos de Medicina, Psicologia, Farmácia, Biomedicina, Educação Física, Medicina Veterinária, Fisioterapia, Enfermagem e Odontologia, da Universidade Municipal de São Caetano do Sul, no estado de São Paulo.

Os estudantes foram convidados a participar da pesquisa e foram informados sobre os objetivos, riscos e benefícios, conforme estipulado pela Resolução 466/2012. Todos os participantes concordaram com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e responderam ao instrumento de coleta elaborado pelos pesquisadores, que foi enviado eletronicamente.

O instrumento de coleta consistia em 18 questões objetivas, respondidas através de um formulário eletrônico no período de junho de 2021 a março de 2022. A primeira parte do formulário coletava informações sobre idade, sexo, etnia, religião, período letivo e município de residência. A segunda parte abordava o conhecimento e a opinião dos estudantes sobre a eficácia e o uso das 29 PICS, conforme estabelecido pela Portaria nº 702, de 21 de março de 2018 (Brasil, 2018). Além disso, foram analisados dados sobre o interesse dos estudantes na inclusão dessas práticas na matriz curricular dos cursos mencionados, a contribuição das PICS para a vida profissional e a experiência dos alunos com essas práticas.

Os dados obtidos foram analisados por meio de estatística descritiva, com frequências calculadas durante a avaliação dos instrumentos realizadas no programa Excel.

3. Resultados

A amostra foi composta por 689 alunos da Universidade Municipal de São Caetano do Sul. O perfil dos alunos participantes da pesquisa eram, em sua maioria, jovens entre 18 a 23 anos representando 74,9% (n=516), do sexo feminino com 82,6% (n=566), etnia branca 79,8% (n=550) e católicos com 35,4% (n=244). Os dados analisados estão apresentados na Tabela 1.

Tabela 1 - Dados sociodemográficos dos estudantes.

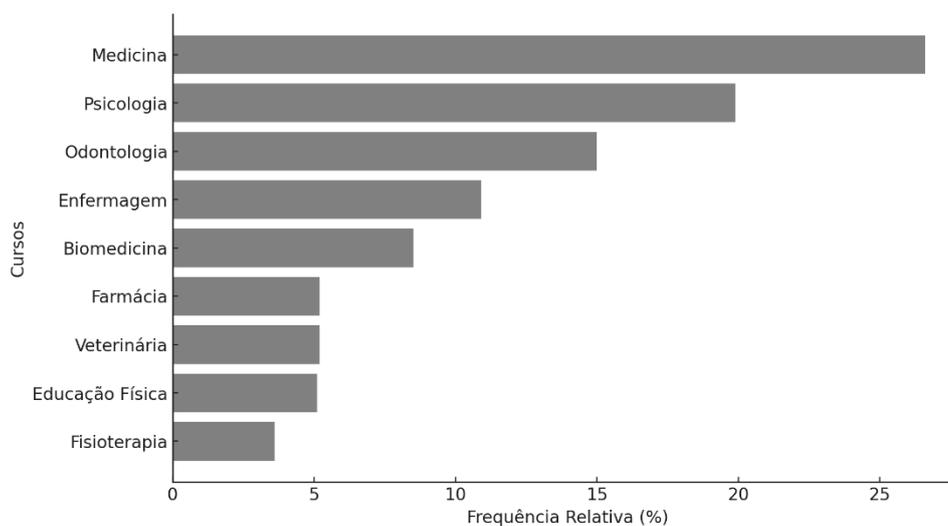
| Dados | | n | Frequência Relativa (%) |
|---------------------|-----------------|-----|-------------------------|
| Faixa Etária | 18 a 23 anos | 516 | 74,9 |
| | 24 a 29 anos | 99 | 14,4 |
| | 30 a 35 anos | 33 | 4,8 |
| | 36 a 40 anos | 10 | 1,5 |
| | Mais de 40 anos | 31 | 4,5 |
| Gênero | Feminino | 569 | 82,6 |
| | Masculino | 119 | 17,3 |
| | Não binário | 1 | 0,1 |
| Etnia | Branco | 550 | 79,8 |
| | Pardo | 97 | 14,1 |
| | Preto | 24 | 3,5 |
| | Amarelo | 16 | 2,3 |
| | Indígena | 2 | 0,3 |
| Religião | Católico | 344 | 49,9 |
| | Evangélico | 173 | 20,8 |
| | Espírita | 84 | 10,7 |
| | Ateu | 50 | 6,8 |
| | Matriz Africana | 31 | 4,1 |
| | Budista | 5 | 0,7 |
| | Islâmico | 2 | 0,3 |

Os valores indicados correspondem às frequências absolutas (n) e relativas (%) dos participantes do estudo.

Fonte: Autoras.

Os alunos respondentes estavam distribuídos em diversos cursos da área da saúde, mas majoritariamente pertenciam ao curso de Medicina (26,5%), seguido do curso de Psicologia (19,9%) e Odontologia (14,9%) na ocasião da pesquisa, conforme demonstrado na Figura 1. Os valores absolutos e relativos estão apresentados na Tabela 3.

Figura 1 - Distribuição dos estudantes participantes da pesquisa por curso de graduação.



Fonte: Autoras.

Durante a pesquisa, os estudantes foram questionados acerca do conhecimento das PICS e 41,5% (n=286) afirmaram ter conhecimento, enquanto a maioria, ou seja, 58,5% dos entrevistados (n=403) disseram não conhecer as PICS, conforme indicado na Tabela 2.

Tabela 2 - Frequência do conhecimento auto informado acerca das PICS.

| Conhecimento das PICS | n | Frequência relativa (%) |
|-----------------------|-----|-------------------------|
| Sim | 286 | 41,5 |
| Não | 403 | 58,5 |

Os valores indicados correspondem às frequências absolutas (n) e relativas (%) dos participantes do estudo.

Fonte: Autoras.

Em relação à distribuição dos alunos que possuem conhecimento (n=286), 49,3% (n=141) se concentraram nos cursos de Medicina e Psicologia. Tal número representa 20,4% da amostra total dos respondentes conforme indicado na Tabela 3.

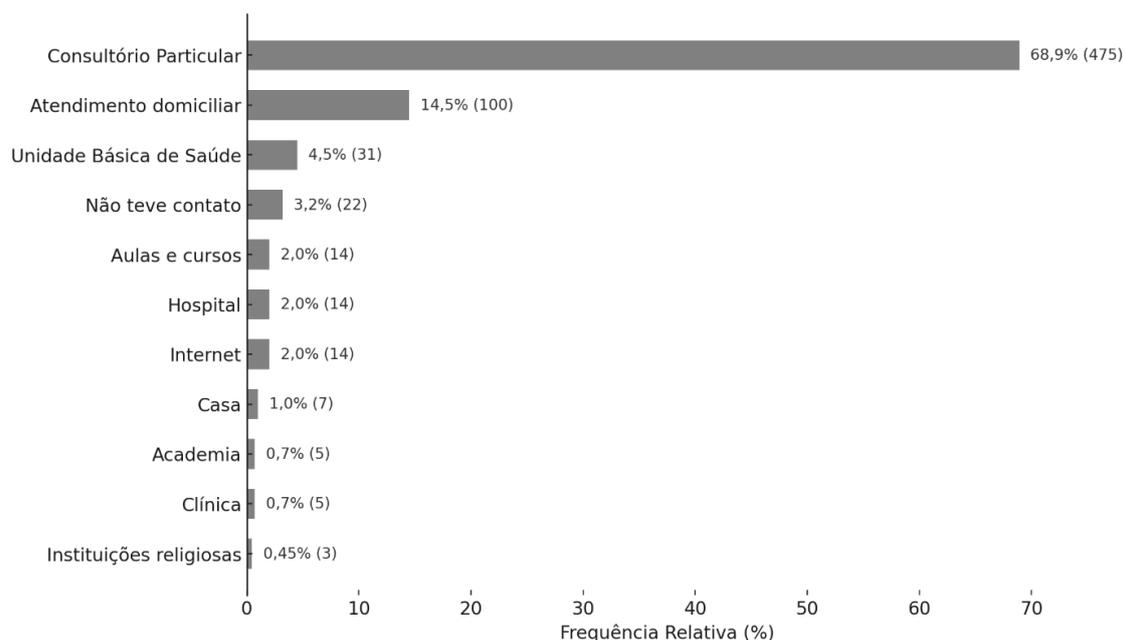
Tabela 3 - Frequência de conhecimento sobre PICS entre discentes de diferentes cursos de saúde.

| Conhecimento das PICS | Sim | Frequência Relativa | Não | Frequência Relativa | Frequência Absoluta Total | Frequência Relativa Total |
|-----------------------|-----|---------------------|-----|---------------------|---------------------------|---------------------------|
| | (n) | (%) | (n) | (%) | (n) | (%) |
| Medicina | 85 | 12,3 | 98 | 14,2 | 183 | 26,6 |
| Psicologia | 56 | 8,1 | 81 | 11,7 | 137 | 19,9 |
| Odontologia | 27 | 3,9 | 76 | 11,0 | 103 | 15,0 |
| Enfermagem | 37 | 5,4 | 38 | 5,5 | 75 | 10,9 |
| Biomedicina | 18 | 2,6 | 41 | 5,9 | 59 | 8,5 |
| Farmácia | 24 | 3,5 | 12 | 1,7 | 36 | 5,2 |
| Veterinária | 15 | 2,3 | 21 | 3,0 | 36 | 5,2 |
| Educação Física | 10 | 1,4 | 25 | 3,6 | 35 | 5,1 |
| Fisioterapia | 14 | 2,0 | 11 | 1,6 | 25 | 3,6 |
| TOTAL | 286 | 41,5 | 403 | 58,5 | 689 | 100 |

Os valores indicados correspondem às frequências absolutas (n) e relativas (%) dos participantes do estudo.

Fonte: Autoras.

Figura 2 - Formas de contato com PICS.

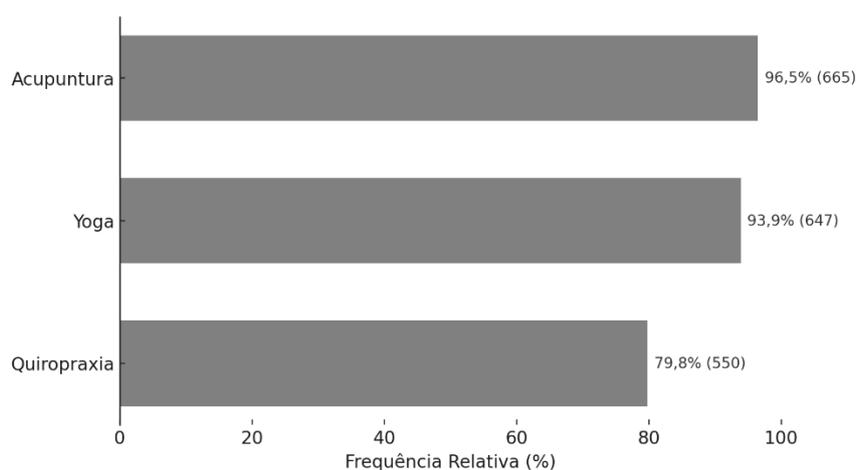


Os valores entre parênteses correspondem à frequência absoluta (n).

Fonte: Autoras.

Os participantes foram questionados sobre o conhecimento e utilização das 29 PICS existentes, conforme às PNPIC, sendo as mais populares entre os entrevistados: Acupuntura (n=665), seguida da Yoga (n=647) e da Quiropraxia (n=550), conforme indicado na Figura 3. Em relação às demais PICS constantes na PNPIC, uma porcentagem menor do que 2 sendo que algumas práticas como Geoterapia, Termalismo, Imposição de mãos e Dança Circular são praticamente desconhecidas pela maioria dos estudantes.

Figura 3 - PICS mais populares entre os participantes.



Os valores entre parênteses correspondem à frequência absoluta (n).

Fonte: Autoras.

Em relação à localização onde ocorreram os contatos, 499 respondentes indicaram que o acesso ocorreu principalmente nos municípios de São Paulo e Santo André concentraram o maior acesso às PICS, representando 33,3 % (n=146) cada um, seguido do município de São Caetano do Sul com 23,8% (n=119).

Além disso, os estudantes participantes (n=689) também foram questionados sobre o conhecimento da oferta gratuita das PICS no SUS, e a maioria, 72,3% (n=498), não tinha esse conhecimento, enquanto 27,7% (n=191) sabiam da oferta. Em relação ao contato prático dos alunos nas UBS durante o curso de graduação, os resultados mostraram que 48,6% (n=335) dos alunos indicaram que as atividades são realizadas nas UBS, que são cenários de práticas de seus cursos, enquanto 48,1% (n=332) negaram esse tipo de oferta ou atividade nas UBS em que realizam as atividades dos seus respectivos cursos de graduação, conforme indicado na Tabela 4.

Tabela 4 - Conhecimento auto informado dos estudantes acerca das PICS.

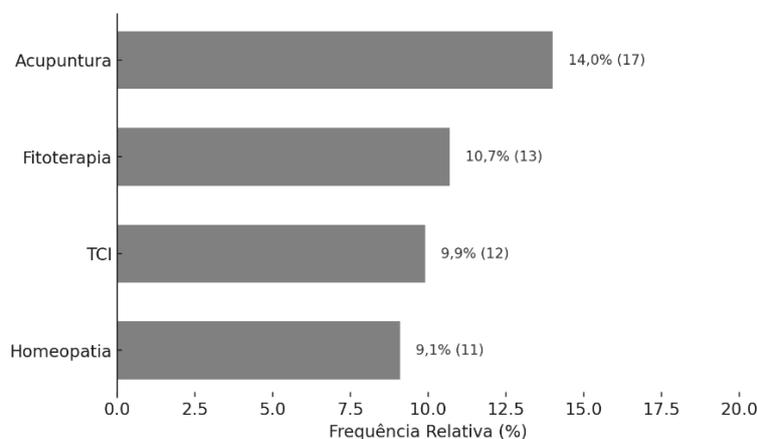
| | | n | Frequência Relativa (n) |
|---|-------------------------|-----|-------------------------|
| Município de acesso às PICS | São Paulo | 146 | 33,3 |
| | Santo André | 146 | 33,3 |
| | São Caetano do Sul | 119 | 23,8 |
| | São Bernardo do Campo | 61 | 12,2 |
| | Mauá | 25 | 5,1 |
| | Diadema | 2 | 0,4 |
| Conhecimento da oferta gratuita das PICS pelo SUS | Não | 498 | 72,3 |
| | Sim | 191 | 27,7 |
| Curso de graduação oferece atividades de ensino nas UBS? | Não | 332 | 48,2 |
| | Sim | 335 | 48,6 |
| | Não respondeu/ Não sabe | 22 | 3,2 |

Os valores indicados correspondem às frequências absolutas (n) e relativas (%) dos participantes do estudo.

Fonte: Autoras.

Quando questionados se a UBS que frequentam para realizar atividades práticas e/ou estágios disponibilizam atendimentos de alguma das PICS, 121 (36,1%) relataram que as UBS por eles frequentadas disponibilizam atendimentos das seguintes práticas: Acupuntura (n=17; 14,8%), Fitoterapia (n=13; 10,6%), Terapia Comunitária Integrativa - TCI (n=12; 9,9%) e Homeopatia (n= 11; 9,4%). Esses dados estão representados na Figura 4.

Figura 4 - PICS ofertadas nas UBS frequentadas pelos estudantes.



Os valores entre parênteses correspondem à frequência absoluta (n).

Fonte: Autoras.

Foi questionado o interesse dos alunos em aprender conteúdos relacionados a essas práticas integrativas e complementares durante a graduação, e 89% (n=612) afirmaram ter interesse, conforme indicado na Tabela 5. Quando questionados sobre a oferta de conteúdos, tanto teóricos quanto práticos, durante o curso de graduação que abordassem tais temáticas relacionadas às PICS, apenas 27,7% (n=181) indicaram ter realizado alguma atividade de ensino que abordasse tais temáticas. Entre as atividades realizadas, a maioria (48,2%) relatou que os conteúdos foram abordados de forma isolada durante as aulas, uma vez que não há uma disciplina ou componente curricular específico para essa temática em nenhum dos cursos avaliados no presente estudo. Outras formas de abordagem do tema incluíram palestras nas jornadas de estudo, atividades promovidas por ligas acadêmicas ou cursos extracurriculares (Tabela 5).

Tabela 5 - Oferta das PICS durante a graduação.

| Pergunta | | n | Frequência Relativa (%) |
|---|-----|-----|-------------------------|
| Interesse em aprender | Não | 77 | 11,8 |
| | Sim | 612 | 88,1 |
| Realizou alguma atividade de ensino com conteúdos relacionados às PICS? | Não | 508 | 72,3 |
| | Sim | 181 | 27,3 |
| Se positivo, como ocorreu? | | | |
| Durante as aulas | | 87 | 48,1 |
| Palestras ou jornadas de estudo | | 57 | 31,5 |
| Ligas acadêmicas | | 23 | 12,7 |
| Cursos extracurriculares | | 14 | 7,7 |

Os valores indicados correspondem às frequências absolutas (n) e relativas (%) dos participantes do estudo.

Fonte: Autoras.

4. Discussão

Os resultados do presente estudo corroboram a relevância das Práticas Integrativas e Complementares (PICS) como parte de um movimento estratégico de transformação no cuidado em saúde no Brasil. A implementação das PICS no Sistema Único de Saúde (SUS) reflete novos modos de aprender e praticar a saúde, contrapondo-se ao modelo tecnocrático predominante, focado em alta tecnologia e fragmentação do cuidado. As PICS representam uma abordagem interdisciplinar e singular que busca resgatar a integralidade do cuidado ao paciente, oferecendo alternativas sustentáveis e humanizadas em um sistema frequentemente dominado por lógicas de mercado (Telesi Júnior, 2016).

Nossos achados estão em consonância com pesquisas que revelam a necessidade da inserção de conteúdos referentes às práticas integrativas na matriz curricular dos cursos da área da saúde, uma vez que há uma clara discrepância entre o conhecimento dos alunos e a crescente demanda das PICS por parte dos pacientes (Azevedo e Peliconi, 2011; Salles et al, 2016). Embora os resultados aqui obtidos indiquem um desconhecimento por parte da maioria dos alunos acerca de diversas PICS, também se observa um prevalente interesse dos mesmos em adquirir esse conhecimento.

No contexto da formação acadêmica, os resultados deste estudo demonstraram que os estudantes dos cursos de Odontologia, Psicologia e Medicina da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS) apresentaram níveis de conhecimento similares sobre PICS, destacando o interesse compartilhado em aprender sobre essas práticas. No entanto, apesar desse interesse, as práticas integrativas ainda são pouco incorporadas de forma sistemática nos currículos desses cursos. Em consonância com esses achados, Ferreira et al. (2023) analisaram 180 cursos de Odontologia no Sudeste brasileiro e destacaram que apenas 11,1% das instituições de ensino ofertam disciplinas relacionadas a PICS. Quando presentes, essas

disciplinas são predominantemente optativas, teóricas e com baixa carga horária média (aproximadamente 40 horas), refletindo uma abordagem fragmentada e limitada.

Almeida et al. (2019), ao relatar a inclusão de PICS no curso de Psicologia, evidenciaram que o contato com essas práticas ampliou a compreensão dos estudantes sobre cuidado integral, promovendo autonomia e singularidade no atendimento.

No ensino médico, Carnevale et al. (2017) observaram que, embora a acupuntura seja uma prática amplamente reconhecida, ainda há um desconhecimento significativo dos estudantes, que declararam níveis baixos de conhecimento, mas expressaram grande interesse em aprender sobre o tema. Da mesma forma, Custódio et al. (2021) e Gurgel et al. (2021) destacaram o interesse dos estudantes em incorporar os conteúdos de PICS ao currículo médico, refletindo o desejo de integrar essas práticas ao cuidado clínico. A falta de inclusão estruturada das PICS nos currículos limita o acesso dos estudantes a experiências práticas, dificultando sua preparação para atender à crescente demanda da população por práticas integrativas.

Um estudo realizado por Albuquerque (2017) indicou que apenas 57 das 272 escolas médicas brasileiras incorporaram conteúdos sobre PICS em seus currículos. O estudo também revelou que alguns cursos promovem atividades extracurriculares, como Ligas Acadêmicas e cursos de extensão optativos, para preencher essa lacuna. Na Universidade Municipal de São Caetano do Sul, a oferta de atividades nos ambulatórios ocorre apenas no curso de Medicina. Adicionalmente, são oferecidas aulas sobre PICS por meio da Liga Acadêmica de Medicina Integrativa (LAMI-USCS).

O estudo de Moraes e colaboradores (2022) avaliou a oferta de ensino em Práticas Integrativas e Complementares (PICS) na graduação de 17 cursos de saúde em duas Instituições de Ensino Superior (IES) públicas do Nordeste do Brasil por meio da análise dos projetos pedagógicos, ementas e matrizes curriculares e indicou que 30 disciplinas são ofertadas sendo apenas 12 são obrigatórias, enquanto 18 são optativas com carga horária média de 30 horas sem indícios de atividades práticas nos componentes curriculares. Conteúdos como Fitoterapia, Homeopatia e Acupuntura/Medicina Tradicional Chinesa foram os mais presentes, com maior disponibilidade nos cursos de Enfermagem, Fisioterapia e Farmácia. A predominância de disciplinas optativas, com baixa carga horária e foco teórico, reflete uma abordagem que não valoriza plenamente as potencialidades das PICS para promover a integralidade do cuidado.

Essa situação é preocupante, especialmente em um sistema de saúde como o SUS, que depende da formação de profissionais generalistas, humanistas e centrados na Atenção Básica. A inclusão obrigatória de PICS nos currículos acadêmicos é essencial para superar essas limitações. Modelos de integração como os relatados por Almeida et al. (2019) no curso de Psicologia e os ambulatórios multiprofissionais poderiam servir como referência para ampliar o alcance e a eficácia do ensino de PICS em todo o Brasil. O estudo de Ferreira et al. (2023) também destacou diferenças significativas entre instituições públicas e privadas no Sudeste em relação à oferta de conteúdos de PICS. Enquanto 86,1% das faculdades avaliadas são de categoria administrativa privadas, as disciplinas relacionadas a PICS estão mais presentes em instituições públicas, evidenciando uma desigualdade no acesso ao ensino dessas práticas. A dependência de disciplinas optativas, a fragmentação de conteúdos e o foco predominantemente teórico limitam a formação de competências práticas e integradas necessárias para o fortalecimento das PICS no SUS.

A contribuição do estudo de Brilhante e Miranda (2023) destaca a importância crítica da formação em Práticas Integrativas e Complementares (PICS) no curso de Farmácia, alinhando-se às Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) estabelecidas pelo MEC em 2017. As DCNs reconhecem formalmente as PICS no currículo farmacêutico, exigindo o desenvolvimento de competências específicas, como prescrição, aplicação e acompanhamento dessas práticas, em conformidade com as políticas públicas de saúde. O nosso estudo também encontrou que há pouco conhecimento dos estudantes de farmácia neste contexto embora o profissional farmacêutico esteja envolvido em diversas frentes como Hortas Medicinais e Farmácias Vivas.

Embora o curso de Enfermagem tenha se destacado entre os demais cursos da IES avaliados neste estudo, ainda foi possível identificar um nível significativo de desconhecimento por parte dos estudantes sobre as PICS e sua oferta no Sistema Único de Saúde (SUS). Esses achados estão alinhados com o estudo de Martins et al. (2022), que revelou que, apesar de 92,7% dos estudantes de Enfermagem considerarem relevante o aprendizado sobre PICS, grande parte do contato com essas práticas ocorre por meio de iniciativas extracurriculares, como eventos científicos e ligas acadêmicas, e não como parte integrante do currículo obrigatório.

No presente estudo, os estudantes de Enfermagem demonstraram maior familiaridade com práticas como meditação e acupuntura, corroborando os achados de Martins et al. (2022). No entanto, foi identificado um déficit significativo no conhecimento mais amplo sobre a oferta e implementação das PICS no Sistema Único de Saúde (SUS), evidenciado pelo desconhecimento de muitos estudantes sobre a presença dessas práticas nas UBS. Essa situação reflete a ausência de uma abordagem sistemática e obrigatória no ensino das PICS, comprometendo a formação integral e prática dos futuros profissionais (Azevedo et al, 2019).

Além disso, a fragmentação curricular observada nos cursos de saúde limita o aprendizado prático das PICS e sua integração efetiva nos cenários de Atenção Primária que também foi apontada em uma revisão sistemática recente (Ravaglio et al, 2024). Essa lacuna é especialmente preocupante, considerando que as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para Enfermagem destacam a importância de uma formação voltada para o cuidado integral e interdisciplinar, em consonância com as demandas do SUS.

Assim como médicos e farmacêuticos, os enfermeiros desempenham um papel essencial na Estratégia Saúde da Família (ESF), o que reforça a necessidade de uma maior atenção à inclusão de conteúdos sobre PICS nos currículos de graduação. Essa integração curricular é fundamental para capacitar os profissionais a implementar essas práticas como parte do cuidado integral e humanizado oferecido na Atenção Básica.

Nos demais cursos, como Biomedicina e Veterinária observou-se padrão semelhante embora haja grande atuação destes profissionais nas PICs porém deve-se ressaltar que estes profissionais atuam diretamente na atenção básica em contextos distintos. Baixo conhecimento também foi identificado no curso de Fisioterapia apesar dessas áreas serem responsáveis por grande parte da aplicação prática das PICS no SUS.

Os dados deste estudo demonstraram uma lacuna significativa no conhecimento sobre PICS entre estudantes de diferentes cursos da área da saúde, com 71% desconhecendo sua oferta no SUS, apesar de 48% reconhecerem sua presença nas UBS onde realizam atividades práticas. Além disso, os dados também revelaram que quase metade dos entrevistados desconhecia a oferta de PICS nas UBS. Esse resultado pode estar relacionado à ausência de experiências práticas nas UBS e à falta de visibilidade dessas práticas nos cenários de formação dos estudantes. Mesmo entre os alunos que reconheciam a presença de PICS nas UBS, o contato era limitado a especialidades médicas como Acupuntura e Homeopatia, evidenciando um déficit significativo na integração dessas práticas ao ensino (Custódio et al., 2021). Essa lacuna é preocupante, considerando que o ensino na área de saúde no Brasil é orientado pelas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para uma formação generalista, humanística e centrada na Atenção Básica.

Os resultados do presente estudo indicaram que, embora o município de São Paulo apresente estratégias bem estabelecidas para a oferta de Práticas Integrativas e Complementares (PICS), como os Centros de Referência em Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (CRPICS) e a oferta de PIC em 100% das UBS (São Paulo, 2022, 2023), a situação nos municípios do Grande ABC permanece pouco clara. Entre os participantes, os maiores índices de acesso às PICS foram registrados em São Paulo (33,3%), Santo André (33,3%) e São Caetano do Sul (23,8%). Por outro lado, municípios como Mauá (5,1%) e Diadema (0,4%) apresentaram índices muito baixos, o que pode sugerir uma oferta insuficiente ou uma baixa visibilidade das PICS nesses locais.

Esses dados destacam uma disparidade regional significativa na organização e oferta das PICS. Enquanto São Paulo investe em modelos integrados e estruturados, como os CRPICS, que atuam tanto no atendimento quanto na capacitação de profissionais (São Paulo, 2022), não foram identificadas informações ou estratégias claras relacionadas à oferta de PICS nas UBS dos municípios do Grande ABC. Essa ausência de dados compromete a análise sobre o alcance dessas práticas na atenção primária nessas regiões, que possuem uma alta densidade populacional e demandas significativas no sistema de saúde.

Outro ponto relevante é o desconhecimento generalizado da população sobre a oferta gratuita das PICS pelo SUS, evidenciado pelo fato de 72,3% dos participantes não terem conhecimento dessa disponibilidade. Esse dado reflete não apenas uma falha na comunicação institucional, mas também a necessidade de estratégias de divulgação mais eficazes, que possam ampliar o acesso e informar a população sobre os benefícios e a gratuidade dessas práticas.

Adicionalmente, a predominância do acesso às PICS em consultórios particulares, como apontado por 68,9% dos entrevistados, reforça a desigualdade no acesso a essas práticas e a desconexão entre a formação acadêmica e as realidades do SUS. Mesmo entre estudantes da área da saúde, apenas 27,7% tinham conhecimento da oferta gratuita de PICS pelo sistema público, o que demonstra uma lacuna significativa na integração dessas práticas no currículo acadêmico e nas vivências práticas.

Esses dados ressaltam a necessidade de fortalecimento da oferta de PICS nos municípios do Grande ABC, com a implementação de estratégias semelhantes às dos CRPICS da cidade de São Paulo (São Paulo, 2022). Além disso, faz-se imprescindível que as PICS sejam integradas de forma obrigatória e prática nos currículos dos cursos da área da saúde, alinhando a formação acadêmica às diretrizes do SUS e às demandas da população.

Esses dados reforçam a desconexão entre o ensino superior e as demandas do SUS, onde as PICS são amplamente ofertadas. Em 2023, as PICS foram oferecidas em 18,9 mil estabelecimentos de saúde (39% do total), com 95% das atividades realizadas na Atenção Primária à Saúde (Brasil, 2024). No entanto, práticas como Acupuntura, Yoga e Quiropraxia foram as mais conhecidas entre os estudantes do presente estudo, enquanto outras, como Geoterapia, Termalismo e Imposição de Mãos, permanecem praticamente desconhecidas. Essa lacuna formativa compromete a capacidade dos futuros profissionais de implementar essas práticas como parte de um cuidado integral e interdisciplinar. Por fim, as fragilidades deste estudo, como o uso de questionários autorrelatados e a limitação geográfica da amostra, devem ser consideradas. Apesar disso, os resultados aqui obtidos contribuem para o debate sobre a necessidade de integrar as PICS aos currículos de forma obrigatória e interdisciplinar, alinhando o ensino superior às demandas práticas do SUS.

5. Conclusão

Os achados deste estudo, em conjunto com as análises regionais e específicas de outras pesquisas, reforçam a importância de integrar as Práticas Integrativas e Complementares aos currículos da área da saúde. Apesar do interesse significativo demonstrado pelos estudantes, a baixa oferta de disciplinas obrigatórias e práticas compromete a formação de profissionais capacitados para atuar de forma integrada e interdisciplinar.

A inclusão de PICS nos currículos deve transcender abordagens fragmentadas e optativas, promovendo uma formação que valorize a integralidade do cuidado, a interdisciplinaridade e o alinhamento às diretrizes do SUS. Além disso, políticas públicas que incentivem a criação de componentes obrigatórios, centros de expertise e estratégias de educação permanente são essenciais para consolidar essas práticas tanto na formação acadêmica quanto na prática profissional.

Ao promover maior integração entre ensino, pesquisa e prática, as PICS podem se consolidar como parte fundamental de um sistema de saúde mais humanizado, sustentável e centrado na pessoa, fortalecendo o SUS como modelo de cuidado integral no Brasil.

Agradecimentos

Agradecimentos ao Programa de Iniciação Científica da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS) e aos acadêmicos dos cursos da área da saúde da USCS que colaboraram participando desta pesquisa.

Referências

- Albuquerque, L. V. da C. (2017). O processo de ensino-aprendizagem em práticas integrativas e complementares nas escolas médicas do Brasil [Dissertação de mestrado, Universidade de Fortaleza]. Centro de Ciências da Saúde, Fortaleza, CE.
- Almeida, J. S., Aragão, S. A., Climaco, L. C. C., Ferraz, I. S., Reis, L. A., & Martins Filho, I. E. (2019). Práticas integrativas e complementares no conteúdo programático dos estudantes de psicologia: Relato de experiência docente. *International Journal of Development Research*, 9(11), 31292-31295.
- Azevedo, E. de, & Pelicioni, M. C. F. (2011). Práticas integrativas e complementares de desafios para a educação. *Trabalho, Educação e Saúde*, 9(3), 361–378. <https://doi.org/10.1590/S1981-77462011000300002>
- Azevedo, C., Moura, C. de C., Corrêa, H. P., Mata, L. R. F. da, Chaves, É. de C. L., & Chianca, T. C. M. (2019). Complementary and integrative therapies in the scope of nursing: legal aspects and academic-assistance panorama. *Escola Anna Nery*, 23(2), e20180389. <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2018-0389>
- Brasil. Ministério da Saúde. (2006). Portaria DF nº 971/2006: Aprova a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde. Ministério da Saúde. <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pnpic.pdf>.
- Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. (2011). Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS: Atitude de ampliação de acesso. Ministério da Saúde. https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_praticas_integrativas_complementares_2ed.pdf.
- Brasil. Ministério da Saúde. (2017). Portaria DF nº 145/2017: Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares – PNPIC. Secretaria de Atenção à Saúde. http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/sas/2017/prt0145_11_01_2017.html.
- Brasil. Ministério da Saúde. (2018). Portaria DF nº 702/2018: Altera a Portaria de Consolidação nº 2/GM/MS, de 28 de setembro de 2017, para incluir novas práticas na Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares – PNPIC. Ministério da Saúde. https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2018/prt0702_22_03_2018.html.
- Brasil. Ministério da Saúde. (2024). *Mais de 80% dos municípios oferecem práticas integrativas e complementares em saúde no SUS*. Ministério da Saúde. <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2024/maio/mais-de-80-dos-municipios-oferecem-praticas-integrativas-e-complementares-em-saude-no-sus>.
- Brilhante, A. C. de M., & Miranda, M. L. de O. (2023). Conheço, logo oriento: A importância da formação do farmacêutico em práticas integrativas e complementares em saúde. *Semana Acadêmica Revista Científica*, 11(232). <http://dx.doi.org/10.35265/2236-6717-232-12540>
- Carnevale, R. C., Brandão, A. L., Ferraz, R. de O., & Barros, N. F. de (2017). O Ensino da Acupuntura na Escola Médica: Interesse e Desconhecimento. *Revista Brasileira De Educação Médica*, 41(1), 134–144. <https://doi.org/10.1590/1981-52712015v41n1RB20160040>
- Custódio, C., Makimura, C., Mendes, J. G., Nakamoto, J., & Cruz, R (2021). Conhecimento e interesse dos estudantes de medicina sobre as práticas integrativas e complementares de saúde. *REVISE - Revista Integrativa Em Inovações Tecnológicas Nas Ciências Da Saúde*, 8(fluxocontínuo), 255–273. <https://doi.org/10.46635/revise.v8ifluxocontinuo.2112>
- Ferreira, L. M., Corrêa dos Santos, M., Souza Silva, M., Lamim Fuhrmann, M. F., Gonçalves Leite, I. C., & Prado Elias, G. (2023). Panorama do ensino das práticas integrativas e complementares nos cursos de graduação em Odontologia no Sudeste brasileiro. *HU Revista*, 48, 1–7. <https://doi.org/10.34019/1982-8047.2022.v48.37496>
- Gurgel, L. G. D., Jessé, A. R. B., Silva, D. M. A. da, Alencar, P. S. L. L., Jordán, A. de P. W., & Daniel, N. A. A. (2021). Integrative and complementary practices: interest of the academic community and challenges of medical education. *Revista Brasileira De Educação Médica*, 45(4), e235. <https://doi.org/10.1590/1981-5271v45.4-20210233.ING>
- Martins, P. S., Ruela, L. de O., & Silva, N. C. M. da. (2022). Inserção das PICS na graduação em enfermagem: o que dizem os estudantes. *Revista Recien - Revista Científica De Enfermagem*, 12(39), 98–106. <https://doi.org/10.24276/trrecien2022.12.39.98-106>.
- Morais, M. do S. T., Silva, B. B. de M., Forte, F. D. S., & Alencar, J. P. P. (2022). As práticas integrativas e complementares nos cursos da saúde de universidades públicas. *Revista De Educação Popular*, 117–134. <https://doi.org/10.14393/REP-2022-67311>
- Nascimento, M. C. do, Romano, V. F., Chazan, A. C. S., & Quaresma, C. H. (2018). Formação em Práticas Integrativas e Complementares em Saúde: Desafios para as Universidades Públicas. *Trabalho, Educação E Saúde*, 16(2), 751–772. <https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00130>

Otani, M. A. P., & Barros, N. F. de (2011). A Medicina Integrativa e a construção de um novo modelo na saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, 16(3), 1801–1811. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232011000300016>

Pereira, A. S., Shitsuka, D. M., Parreira, F. P., & Shitsuka, R. (2018). *Metodologia da pesquisa científica* [E-book]. Editora UAB/NTE/UFMS.

Ravaglio, A. V. M., Lopes, M. de M., & Garbelini, M. C. D. (2024). Inclusão das Práticas Integrativas e Complementares nos Currículos da Graduação em Saúde: uma Revisão Integrativa. *Revista De Ensino, Educação E Ciências Humanas*, 25(3), 461–467. <https://doi.org/10.17921/2447-8733.2024v25n3p461-467>

Salles, L. F., Bel Homo, R. F., & Paes da Silva, M. J. (2014). Situação do Ensino das Práticas Integrativas Complementares Nos Cursos De Graduação Em Enfermagem, Fisioterapia E Medicina. *Cogitare Enfermagem*, 19(4). <https://doi.org/10.5380/ce.v19i4.35140>

São Paulo. Secretaria Municipal de Saúde. (2022). *Portaria nº 265/2022-SMS.G*. Diário Oficial do Município de São Paulo. Recuperado em 25 de novembro de 2024, de <https://www.docidadesp.com.br>

São Paulo. (2023). *Centros de Referência em Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (CRPICS)*. Secretaria Municipal de Saúde. Recuperado em 25 de novembro de 2024, de https://capital.sp.gov.br/web/saude/w/atencao_basica/236370

Shitsuka, R., Shitsuka, R. I. C. M., Shitsuka, D. M., & Shitsuka, C. D. W. M. (2014). *Matemática fundamental para tecnologia* (2ª ed.). Editora Érica.

Teixeira, M. Z. (2007). Homeopatia: desinformação e preconceito no ensino médico. *Revista Brasileira De Educação Médica*, 31(1), 15–20. <https://doi.org/10.1590/S0100-55022007000100003>

Telesi Júnior, E. (2016). Práticas integrativas e complementares em saúde, uma nova eficácia para o SUS. *Estudos Avançados*, 30(86), 99–112. <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/115083>

Tesser, C. D., Sousa, I. M. C. de., & Nascimento, M. C. do .. (2018). Práticas Integrativas e Complementares na Atenção Primária à Saúde brasileira. *Saúde Em Debate*, 42(spe1), 174–188. <https://doi.org/10.1590/0103-11042018S112>